



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP/UERN
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS
LITERATURAS

LÍVIA RAYANE DE ALMEIDA PEREIRA

**A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO
EVARISTO: ANÁLISE DOS CONTOS *MARIA E QUANTOS FILHOS NATALINA*
*TEVE?***

PATU/RN

2023

LÍVIA RAYANE DE ALMEIDA PEREIRA

A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO
EVARISTO: ANÁLISE DOS CONTOS *MARIA E QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?*

Monografia apresentada a Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte – UERN,
como requisito obrigatório para a obtenção do
grau de Licenciatura em Letras com
Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador(a): Prof^ª. Ma. Maria Lara Alves
Rocha

PATU/RN
2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A447c Almeida Pereira, Livia Rayane de

A condição da mulher negra na obra Olhos d'água de Conceição Evaristo: análise dos contos Maria e Quantos filhos Natalina teve?. / Livia Rayane de Almeida Pereira. - Patu - Rio Grande do Norte, 2023.

44p.

Orientador(a): Profa. M^a. Maria Lara Alves Rocha. Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em

Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). 2. condição. 3. gênero. 4. raça. 5. classe. I. Alves Rocha, Maria Lara. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

LÍVIA RAYANE DE ALMEIDA PEREIRA

A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO
EVARISTO: ANÁLISE DOS CONTOS *MARIA E QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?*

Monografia apresentada ao Departamento de
Letras Vernáculas – DLV, do *Campus*
Avançado de Patu – CAP, da Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte – UERN,
como requisito obrigatório para a obtenção do
grau de Licenciatura em Letras com
Habilitação em Língua Portuguesa e suas
Respectivas Literaturas

Aprovada em: 04/04/2023

Banca examinadora



Prof^ª. Ma. Maria Lara Alves Rocha

(Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Prof^ª. Dr^a. Annie Tarsis Morais Figueiredo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Prof^ª. Dr^a. Beatriz Pazini Ferreira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Dedico a minha mãe, mulher forte e corajosa,
que sonhou junto comigo e tornou tudo
possível.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me amar e por ter me dado forças nos momentos em que meu medo e angústia foram maiores do que meus sonhos, teu amor e cuidado são essenciais na minha vida.

A mim, por ter lutado constantemente contra a minha mente e por não ter desistido, apesar de todas as falhas, aprendi que eu posso realizar tudo que quero.

A minha família, por ter me amado e me ensinado tanto. Agradeço a minha mãe, a minha avó e a minha tia por terem sido meu exemplo diário e por me ensinarem todos os dias, através das suas lutas e conquistas, o quanto uma mulher é forte e capaz. Diante de todos os momentos que pensei em desistir, vocês foram alicerce. As suas histórias de vida não foram somente a inspiração para esse trabalho, mas para tudo que penso e faço.

Aos meus irmãos, Leonardo e Helloyse, pela parceria, paciência, carinho e amor. Vocês são minhas inspirações como profissionais e como seres humanos. Sou grata pela força que, apesar da distância, esteve presente.

Ao meu namorado, Armando Jales, que vivenciou tudo ao meu lado e me ajudou a ter foco e perseverança. Agradeço a parceria, amor e cuidado constantes. Obrigada por me apoiar e não soltar a minha mão nos meus piores momentos.

Aos demais familiares, que também contribuíram para esse momento se concretizar. Obrigada por sempre me apoiarem e torcerem por mim.

A universidade e a todos que a compõe, por ter sido um lugar de acolhimento, aprendizagem e a responsável por esse sonho ter se tornado realidade.

A minha orientadora, Lara Rocha, que mesmo com tão pouco tempo de convivência, tornou-se uma pessoa especial. Serei eternamente grata pela paciência e profissionalismo diante um momento tão difícil que é a escrita da monografia.

A minha banca, a quem agradeço a disponibilidade de contribuir com o meu trabalho. A sabedoria de vocês é admirável. Obrigada por tudo.

Aos meus amigos, por me lembrarem que sou capaz e por me resgatarem em dias ruins, vocês são essenciais em minha vida.

As minhas colegas, Maria Rita, Isabele, Larissa, Rizioneide, Jéssica, Maria Luíza e Fernanda por terem tornado a jornada acadêmica mais leve, todos os momentos que passamos juntas ficarão guardados no meu coração.

RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade analisar a condição da mulher negra na sociedade, a partir dos contos *Maria e Quantos filhos Natalina teve?*, inseridos no livro *Olhos d'água* (2016) da autora Conceição Evaristo. Assim, abordamos sobre o preconceito de gênero, raça e classe, como também, analisamos como o cotidiano de mulheres negras, descrito na obra, evidenciam a prática dessa discriminação. Para tanto, utilizamos como aporte teórico os estudos de Ângela Davis (1981), Djamila Ribeiro (2018), Heloisa Buarque de Hollanda (2020), Kimberlé W. Crenshaw (2002), Miriam Alves (2011), Simone de Beauvoir (1949), Sueli Carneiro (2003), Zilá Bernd (1988), entre outros pesquisadores que desenvolveram trabalhos indicados ao tema. Dessa forma, observamos como os fatores históricos, culturais e sociais são fatores dominantes para a perpetuação do preconceito, examinamos ainda a importância da escrita de Conceição Evaristo e da literatura negra, ainda atentamos para a análise da condição da mulher negra na obra literária, e as reflexões sobre a prática do racismo e sexismo. Diante disso, foi perceptível que o preconceito de gênero, raça e classe é evidente entre nós, e a partir dos contos de Conceição Evaristo notamos essa circunstância, percebemos também como os fatores econômicos atingem as condições das pessoas que vivem nos espaços marginalizados, visto que, a situação de pobreza agrava a vulnerabilidade social, privando-as de oportunidades.

Palavras-chave: mulheres negras; condição; gênero; raça; classe; Conceição Evaristo.

ABSTRACT

This research aims to analyze the condition of black women in society, based on the short stories *Maria e Quantos filhos Natalina teve?*, inserted in the book *Olhos d'água* (2016) by the author Conceição Evaristo. Thus, we will address about gender, race and class prejudice, as well as analyze how the daily lives of black women, described in the work, show the practice of this discrimination. To do so, we use as theoretical support the studies of Ângela Davis (1981), Djamila Ribeiro (2018), Kimberlé W. Crenshaw (2002), Simone de Beauvoir (1949), Sueli Carneiro (2003), Zilá Bernd (1988), Miriam Alves (2011), Heloisa Buarque de Hollanda (2020), among other researchers who developed works indicated on the theme. In this way, we will observe how historical, cultural and social factors are dominant factors for the perpetuation of prejudice, we will also examine the importance of Conceição Evaristo's writing and black literature, we will also pay attention to the analysis of the condition of black women in literary work, and reflections on the practice of racism and sexism. In view of this, it was noticeable that gender, race and class prejudice is evident among us, and from Conceição Evaristo's short stories we notice this circumstance, we also perceive how economic factors affect the conditions of people who live in marginalized spaces, since , the situation of poverty aggravates social vulnerability, depriving them of opportunities.

Keywords: black women; condition; gender; race; class; Conceição Evaristo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FEMINISMO NEGRO E A INTERSECÇÃO ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE.....	14
2.1 Interseccionalidade de gênero, raça e classe.....	14
2.2 Feminismo negro e suas trajetórias de resistências.....	17
2.3 A literatura negra e sua representatividade.....	21
2.4 Conceição Evaristo: a voz dos oprimidos.....	26
3 A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO COTIDIANO DE SUBALTERNIDADE: ANÁLISE DOS CONTOS <i>MARIA E QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?</i>.....	28
3.1 A condição da mulher negra: análise das personagens Maria e Natalina.....	28
3.2 A subalternidade: o cotidiano feminino negro como denúncia social.....	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
5 REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A literatura, especificamente a escrita por Conceição Evaristo, problematiza questões sociais que permanecem vivas na contemporaneidade. As palavras da autora agem como subterfúgio para reflexão das lutas contra o machismo, o racismo e os privilégios de classe social dominante. Em se tratando da condição da mulher negra relatada nas obras evaristianas, em particular nos contos *Maria* e *Quantos filhos Natalina teve?*, há a representação de uma realidade reprimida dessa mulher na sociedade brasileira, desse modo, existe uma comunicação entre ficção e realidade, representada pela perspectiva feminina, que norteiam as narrativas, desencadeando um reconhecimento individual e, conjuntamente, coletivo sobre a trajetória desse grupo subalterno.

As narrativas que são relatadas pela perspectiva do colonizador perpassam a ideia de adequação da população negra para o lugar de subalternização. Diante disso, o racismo e o sexismo sentenciaram a população negra, especialmente a feminina, a uma condição de marginalização e exclusão social e, conjuntamente, as questões sobre gênero, raça e classe são componentes que definem e caracterizam a posição e a condição social, sendo assim, o retrato do processo de construção das camadas sociais do território brasileiro.

Nesse contexto, este trabalho pretende analisar a condição da mulher negra na sociedade e os aspectos sobre gênero, raça e classe que transpassam pelos contos *Maria* e *Quantos filhos Natalina teve?*, da autora Conceição Evaristo, publicados no livro “*Olhos d’água*” (2016). As narrativas escolhidas exteriorizam as dores e hostilidades enfrentadas pelas personagens protagonistas, que caracterizam e representam o cotidiano de mulheres negras e pobres na sociedade brasileira. Dessa forma, nossa pesquisa se relaciona para o seguinte questionamento: De que modo o racismo e o sexismo influenciam na condição social da mulher negra?

Assim, a reflexão acerca da condição da mulher negra na sociedade advém do processo de colonização do território brasileiro, sendo um movimento de intervenção que caracteriza a relação de dominado e dominante. Nesse cenário destaca-se a figura do homem branco como “salvador”, tendo essa imagem fortificada através da romantização retratada nas narrativas do período escravocrata no Brasil, fazendo com que, essa interfira na conjuntura étnico-racial atual. O Brasil, último país a abolir a escravidão, negligencia a trajetória de exploração de mão-de-obra escrava e denega a população negra ao ostracismo social, fortificando a estrutura social brasileira que está condicionada a reproduzir atos racistas, pois

estes estão enraizados na consciência coletiva, posto isso, a lógica da dominação naturaliza concepções preconceituosas.

Logo, o nosso maior objetivo está em compreender como os símbolos racistas presentes nos contos externam a condição social da mulher negra, bem como, apontar os desafios vivenciados por esse grupo com base nos preconceitos de gênero, raça e classe. Desejamos também analisar a condição dessas mulheres na sociedade e a ligação com a violência e a objetificação feminina e, por fim, refletir sobre a luta e a resistência feminina negra no Brasil.

As narrativas em foco abordam e problematizam as questões sociais que perpetuam atualmente sobre as mulheres negras, sendo estas, preconceito de gênero, raça e classe. Levando em consideração esse contexto, ainda existe uma invisibilidade da escrita feminina, o que impossibilita a compreensão de questões que se fazem presentes sobre a realidade da mulher dentro da sociedade, fazendo com que, a literatura, que deve ser um instrumento de viabilização social e cultural, se fortifique por meio de narrativas patriarcais que estabelecem a posição de poder e a força simbólica do homem na sociedade. Neste sentido, uma narrativa sobre um ponto de vista feminino negro, peculiaridade das obras literárias de Conceição Evaristo, possibilita um espaço privilegiado para as questões femininas, sobretudo, dando voz a mulher negra, como também manifesta interrogações acerca do lugar de fala e da posição que estas mulheres ocupam.

Os estereótipos que norteiam a população negra estão concretizados pelo sistema racista, sendo estes, reflexos da escravização, principalmente, para com a mulher negra. A discriminação de gênero, raça e classe posiciona a mulher africana em último lugar na escala social, fazendo com que, “carregue nas costas” o peso da desigualdade social. No período da escravidão esta era associada aos trabalhos domésticos (cozinheiras, arrumadeiras, amas de leite etc.), fortificando a figura de servidora da família branca, estas por vezes, eram sujeitadas à submissão sexual, sendo assim, objetificada e utilizada para satisfação do senhor (homem branco). Deste modo, a profissão de empregada doméstica, a sexualização e a violência contra o corpo feminino negro são heranças culturais provenientes da imposição escravocrata do país e das circunstâncias que esta impunha, fazendo com que, haja um “lugar-comum” destinado à população afrodescendente.

Neste segmento, nossa pesquisa se faz relevante, pois busca retratar as questões de gênero, raça e classe e como estas interferem na vivência da mulher negra, podendo assim, compreender a origem e modificar as noções que envolvem a prática do preconceito no Brasil.

Igualmente, nossa pesquisa é de imensa importância para o campo literário, pois coloca em evidência a escrita afro-feminina, permitindo que a mulher negra se (re)conheça através da escrita literária. Apesar de ser foco de alguns estudos, trazer os contos de Conceição Evaristo e abordar sobre as condições impostas para a população feminina negra neles é de importante construção social e acadêmica, pois possibilita a compreensão de um contexto histórico que, por vezes, é despercebido e/ou ignorado.

Acolher e compreender a trajetória e sofrimento da mulher negra na sociedade é aceitar que devemos reparar historicamente e humanamente o processo de formação do território brasileiro. Nas palavras da autora Conceição Evaristo, “às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso.” (EVARISTO, 2017, p. 7-8) A temática tem por foco, portanto, representar através dos contos literários citados e da crítica feminista, a luta e a resistência das mulheres africanas numa sociedade preconceituosa e machista.

Assim, nossa pesquisa, seguindo a vertente de crítica feminista, tem como *corpus* para análise a obra literária *Olhos d'água* (2016), com autoria de Conceição Evaristo. Para isso, a pesquisa será baseada na teoria de autores, tendo como exemplo, Ângela Davis (1981), Djamila Ribeiro (2018), Heloisa Buarque de Hollanda (2020), Kimberlé W. Crenshaw (2002), Miriam Alves (2011), Simone de Beauvoir (1949), Sueli Carneiro (2003), Zilá Bernd (1988), entre outros pesquisadores que desenvolveram trabalhos indicados ao tema.

Desse modo, nosso estudo é voltado para uma pesquisa explicativa, exploratória e qualitativa. Assim, haverá o início da análise da trajetória das personagens Maria e Natalina, como também as suas próprias características, para compreender como a narrativa retrata e conversa com as adversidades do cotidiano da mulher negra. Através dos contos será possível compreender a sina da mulher preta no território brasileiro, a violência (física, sexual e psicológica), o preconceito, o desemprego etc.

Dessa forma, o nosso trabalho está estruturado em dois capítulos, sendo o primeiro intitulado “Feminismo negro e a intersecção entre gênero, raça e classe”, onde observamos os fatores históricos e culturais que compõem as noções e os mecanismos responsáveis pela desigualdade racial e de gênero e, como o feminismo negro e a interseccionalidade atuaram na busca pelos direitos e reivindicações das mulheres negras. No segundo, denominado “A condição da mulher negra no cotidiano de subalternidade: análise dos contos *Maria e Quantos filhos Natalina teve?*, analisamos as personagens Maria e Natalina e suas respectivas

trajetórias numa sociedade estruturada pelo sistema patriarcal e preconceituoso, bem como as condições impostas para esse grupo subalterno como consequência de fatores econômicos, históricos e sociais.

2 FEMINISMO NEGRO E A INTERSECÇÃO ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Neste capítulo, antes de analisarmos os contos literários, abordaremos sobre o feminismo e a intersecção entre gênero, raça e classe como influência para a condição da mulher negra na sociedade. Observando que as relações de raça, classe e etnia são fatores determinantes socialmente, buscamos entender como essas categorias passaram a ser analisadas e consideradas no movimento feminista negro.

Abordamos também sobre o feminismo negro e suas trajetórias de resistência, visando que, foi iniciado a partir da problematização das reivindicações do feminismo hegemônico e sua individualidade. Atentamos ainda, sobre a literatura negra e a sua representatividade a partir de relatos, vivências e subjetividades para o universo feminino negro. Reconhecendo, também, a sua importância para o meio acadêmico e social no que diz respeito às lutas contra o racismo e preconceito de gênero e classe. Por fim, tratamos sobre a trajetória de vida da autora Conceição Evaristo e a significância das suas obras para o campo literário brasileiro.

2.1 *Interseccionalidade de gênero, raça e classe*

É importante ressaltar que não temos como finalidade descrever sobre os sistemas que oprimem e banalizam a mulher negra e sua condição na sociedade, mas sim de viabilizar sobre as ideias e significações de gênero, raça e classe que “passeiam” sobre o universo do feminismo negro. O termo *interseccionalidade* foi utilizado pela primeira vez, em 1989, pela jurista Kimberlé W. Crenshaw, para denominar as relações de poder de raça, sexo e classe numa década marcada majoritariamente pelas lutas feministas.

O movimento feminista teve início na Europa e nos Estados Unidos no século XIX, marcando o período da Revolução Francesa pela busca dos direitos políticos e sociais das mulheres. As ideias surgidas no seio do feminismo foram e são responsáveis pelos questionamentos em torno da hierarquização do gênero, desvendando assim, as relações de poder introduzidas na convivência entre homens e mulheres.

O feminismo, conforme define María Lugones (2020), inicialmente, era composto por mulheres brancas e burguesas, que tinham como principais reivindicações os direitos políticos iguais, as mudanças na legislação sobre o casamento e a educação. De início, a luta feminina era marcada pelas problemáticas dessas mulheres, que tinham como espaço destinado a elas a posição de esposa, mãe e cuidadora do lar. Os debates realizados através do movimento

feminista naquela época não agregavam a realidade de todas as mulheres, sendo assim, questionado sobre a intersecção entre gênero, raça e classe. O que se justifica, segundo Lugones (2020), pelo fato de que:

Durante o desenvolvimento dos feminismos do século XX, não se fizeram explícitas as conexões entre o gênero, a classe e a heterossexualidade como racializados. Esse feminismo fez sua luta, e suas formas de conhecer e teorizar, com a imagem de uma mulher frágil, fraca, tanto corporal como intelectualmente, reduzida ao espaço privado e sexualmente passiva. Mas não explicitou a relação dessas características com a raça, já que elas são parte apenas da mulher branca e burguesa. (ARRUDA; HOLANDA. 2020. p. 80)

Os estudos sobre a *interseccionalidade* surgem da crítica a homogeneização da luta feminista, que reconhecia apenas as mulheres brancas, de classe social média e heteronormativas, como também, ao silêncio sobre as diferenças e exclusão voltadas para os sujeitos do grupo. O feminismo do século XIX teorizou o sentido branco de ser mulher: as mulheres excluídas por e nessa descrição eram inferiorizadas e denegadas a subordinação física e moral. Assim, para Lugones (2020, p. 81), “o feminismo hegemônico branco igualou mulher branca e mulher”, mas é evidente que as mulheres burguesas brancas e as mulheres negras e trabalhadoras foram colocadas em diferentes e, também distantes, posições sociais.

Neste momento, o pensamento feminista era resultado das construções políticas, teóricas e práticas que excluía a multiplicidade das categorias dos sujeitos e silenciava as mulheres negras do feminismo, atentando apenas a vida e as experiências de mulheres brancas e burguesas. Assim, o patriarcado, o preconceito de raça e classe produzem desigualdades básicas e gêneros subalternizados (mulheres negras) marcados por estereótipos racistas e sexistas.

De tal modo, as análises sobre intersecção entre gênero, raça e classe tinham como objetivo contribuir para exposição das múltiplas identidades femininas. De acordo com Crenshaw (2002), a *interseccionalidade* estava subdivida em duas categorias: estrutural e política, devido abordar questões como raça e gênero na posição de mulheres negras e por validar políticas antirracistas e feministas. Ainda sobre o termo mencionado, autora afirma que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos,

constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Nesse contexto, as opressões de raça, classe e sexo são ferramentas articuladas do sistema de dominação e exploração voltadas para as mulheres negras. É compreensível a importância do movimento feminista no que diz respeito ao direito das mulheres, viabilizando sobre as hostilidades e estigmas nas esferas pública e privada. Além do mais, foi trazida como questões de interesse público a violência doméstica e sexual e a ocupação destas mulheres em cargos públicos. Entretanto, é necessário abordar sobre como o feminismo possuiu, durante muito tempo, uma visão individualista que não identificava as diferenças existentes dentro do universo feminino e como a interseccionalidade evidenciou como o racismo posicionou a mulher negra num grau a mais de “diferença”.

A condição da mulher negra é marcada por estereótipos racistas e sexistas que, em geral, integram a população afrodescendente. Ângela Davis, em seu livro *Mulheres, raça e classe* (2013), apresenta de forma objetiva as causas e consequências que determinam a condição da mulher negra e, igualmente, evidencia quais as contrariedades que esta enfrenta no cotidiano. Para compreender como o preconceito e o sexismo se ordenam na sociedade, é necessário entender as relações étnico-sociais como consequências de fatores histórico-culturais.

Dessa forma, a sociedade reflete na atualidade as consequências do processo de colonização e das estruturas sociais que foram estabelecidas historicamente, assim sendo, um resultado advindo da conjuntura obsoleta colonial e patriarcal. As desigualdades de gênero, raça e classe perpetuam sobre o cotidiano, exemplo disso, está nas distinções no mercado de trabalho sofrida, especificamente, por mulheres negras. De acordo com os dados obtidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), das mulheres ocupadas com 16 anos ou mais, 17% são empregadas domésticas, e, dentre estas, a grande maioria são mulheres negras que, em geral, não desfrutam de qualquer direito trabalhista, pois não trabalham com carteira assinada e não recolhem FGTS. Por outro lado, enquanto apenas 2,6% são empregadoras e 26% têm carteira assinada, entre os homens essas proporções sobem para 5,5% e 33,3%, respectivamente.

Diante disso, as problemáticas que envolvem as questões sociais e raciais das mulheres negras não são “coisa do passado”, mas sim, consequência dele. O processo histórico de racismo perpetua-se disfarçadamente, agravando e comprovando que é uma problemática estrutural e normalizada nas tradições da sociedade. Destarte, após essas argumentações voltadas para a intersecção de identidade de gênero, classe e etnia, é viável

dialogar sobre o percurso do feminismo negro, posto que, as mulheres negras são as principais vítimas dos sistemas opressores.

2.2 Feminismo negro e suas trajetórias de resistências

Simone de Beauvoir cita, em seu livro *O segundo sexo* (1949), que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, a famosa frase que representa a desconstrução feminina perante os princípios patriarcais. Para Beauvoir (1949), as definições patriarcais de que mulheres estão destinadas ao papel de esposa, mãe e cuidadora do lar, são instrumentos usados para subjugar-las ao longo do tempo. As noções dos indivíduos são culturalmente e socialmente produzidas, sendo assim, um recurso obtido através da socialização.

A mulher foi educada, histórica e socialmente, como um ser inferior e secundário, que tinha como objetivos, satisfazer as necessidades do homem e buscar validação externa sobre o seu valor. Partindo disso, a filosofia de Simone de Beauvoir contraria o senso comum da época, que acreditava que as limitações femininas eram um resultado natural, mantendo as mulheres como seres frágeis e os homens no papel social dominante. Em 1851, Sojourner Truth, abolicionista e ex-escrava, no seu discurso na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, cita:

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal, e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros, e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou eu uma mulher? Consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem — quando tinha o que comer — e aguentei as chicotadas! Não sou eu uma mulher? Pari cinco filhos, e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou eu uma mulher? (TRUTH, 1851, p. 1)

A pergunta “E não sou eu uma mulher?”, de Truth, surge como uma resposta irônica às teorias de gênero que surgiram a partir da obra de Beauvoir. No que diz respeito às teorias estabelecidas através do feminismo hegemônico, Ribeiro cita “enquanto àquela época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para ser consideradas pessoas”. (2018, p. 34) A pergunta de Truth é um grito de resistência para a sociedade compreender a posição e a condição impostas para as mulheres negras e, de como, o feminismo negro surge como uma reconstrução social para essas mulheres. No feminismo

negro, a identidade das mulheres negras, antes apagadas e/ou excluídas, é recuperada e reconstruída. Diante disto, Ribeiro (2018) afirma que:

Existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e afastam. Enquanto feministas brancas tratarem a questão racial como birra e disputa, em vez de reconhecer seus privilégios, o movimento não vai avançar, só reproduzir as velhas e conhecidas lógicas de opressão. (RIBEIRO, 2018, p. 35)

Daqui o feminismo negro surgiu nos Estados Unidos e ganhou força entre as décadas de 1960 e 1980, devido a fundação da *National Black Feminist* e, também, pela necessidade e criação de uma literatura negra que reconhecesse a multiplicidade feminina. O movimento feminista negro possui como ativistas e pesquisadoras nomes como Ângela Davis, Kimberlé W. Crenshaw entre outras que representam e participam das lutas abolicionistas, antirracistas e sufragistas. No Brasil, entre outras, também fazem parte do movimento, a intelectual, política, professora e antropóloga brasileira Lélia González e a escritora, filósofa e feminista negra Djamila Ribeiro.

No Brasil, o feminismo negro possui sua base teórica, essencialmente, nos estudos das ativistas negras norte-americanas Ângela Davis, Kimberlé W. Crenshaw, entre outras. Também teve como base para as teorias do feminismo negro brasileiro, os estudos de Lélia Gonzalez, professora, filósofa e antropóloga brasileira, precursora nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil e cofundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro (IPCN-RJ), do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Olodum e, também se faz necessário explicitar, a filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira Djamila Ribeiro.

O feminismo negro brasileiro, surge em meados da década de 1970 e, deu início, a partir das constatações de mulheres negras ativistas contra o feminismo hegemônico e sua exclusão das questões raciais nas reivindicações. Para as ativistas negras, o feminismo hegemônico tradicional não reconhecia a multiplicidade dos gêneros e que, a prática deste, operava e reforçava as ideias que compunham a romantização do período colonial e as questões raciais estabelecidas através dele.

A romantização que atravessa as narrativas da colonização do território brasileiro e suas questões raciais fortalece a versão de sociedade igualitária presente nos discursos racistas, que tem como objetivo velar, ainda mais, os atos preconceituosos e as desigualdades étnicas no país.

A mulher negra, além de lidar com o racismo e as relações de gênero impostas pelo patriarcalismo, também precisava enfrentar o sexismo e a objetificação do corpo feminino negro. No movimento negro, as relações de gênero também eram sexistas, impedindo que a mulher negra alcançasse uma posição de igualdade em relação aos homens negros. Sobre as diferenças que compunham o feminismo, Carneiro (2003) cita:

(...) em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. (CARNEIRO, 2003, p.118)

Assim, o feminismo negro é descrito como um movimento político e social, com o objetivo de evidenciar os direitos e reivindicações das mulheres negras. O movimento feminista negro também visa a libertação dos sistemas patriarcais e estigmatizados na sociedade, que tornam comum a dominação e exploração racista e sexista na condição de mulheres e homens negros. Como afirma Sueli Carneiro (2013), em seu texto *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero*, o racismo e o seu impacto nas relações de gênero são os sustentáculos do feminismo negro:

Portanto, para nós se impõe uma perspectiva feminista na qual o gênero seja uma variável teórica, mas como afirmam Linda Alcoff e Elizabeth Potter, que não “pode ser separada de outros eixos de opressão” e que não “é possível em uma única análise. Se o feminismo deve liberar as mulheres, deve enfrentar virtualmente todas as formas de opressão”. A partir desse ponto de vista, é possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades. (CARNEIRO, 2013, p. 2)

O movimento feminista negro tem assumido muitas lutas no que diz respeito ao preconceito racial e a desigualdade de gênero. Através das reivindicações, ativismo e movimentações nas ruas e em redes sociais, está havendo o debate ao direito e acesso a políticas públicas que integrem as necessidades das mulheres negras. Nesse cenário, as líderes feministas negras realizaram o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, na cidade de Valença no Rio de Janeiro, no ano de 1988, tornando-se um momento histórico na legitimação do movimento das mulheres negras e sua luta, sem romper o “laço” com as ideologias de outros movimentos de resistência social.

A fundamentação do movimento de mulheres negras tem se firmado por meio de ações de combate ao racismo, ao sexismo e na busca da igualdade racial e de gênero na sociedade. Apesar dos avanços no meio econômico, da redução da pobreza e da ampliação da escolaridade, verifica-se que este aumento de oportunidades tem sido insuficiente para reduzir as desigualdades raciais e de gênero. Este fator pode ser atribuído aos mecanismos de hierarquias sociais produzidos a partir do sistema patriarcal e colonial. Entre estes mecanismos se destacam o racismo e o sexismo, que são responsáveis por comparar os atributos entre a população negra e branca, de modo a produzir condições diferenciadas para estes grupos raciais.

A difusão do crescimento e das lutas do feminismo negro, ao reivindicar por leis que garantam a igualdade racial, tem produzido mudanças no cotidiano da população negra, apresentando um novo conceito de ser negro ou negra. Exemplo disso, é os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) 2021, que mostra que 43,0% dos brasileiros se declararam como brancos, enquanto, 52,1% se autodeclararam como pretos e pardos. Como construção social, o negro é um conceito que evoca a imagem de uma existência subjugada, o desafio de resgatar a identidade negra passa necessariamente pela superação dos ideais da escravidão. Assim, reconhecer sua raça e admitir seus costumes e sua ancestralidade enraizada na etnia, é resistir e lutar contra o racismo estabelecido na sociedade brasileira.

Entretanto, a população negra segue como a mais pobre do país. Como afirma o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, na pesquisa nomeada como “Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil”, dos 13,5 milhões de brasileiros que vivem em extrema pobreza, 10,1 milhões declaram-se de cor preta ou parda. As desigualdades de gênero, raça e classe perpetuam sobre o cotidiano brasileiro, exemplo disso, está nas distinções no mercado de trabalho e nas diversas notícias de violências sofridas, especificamente, por mulheres negras. Segundo *Atlas da Violência (2021)*, em 2019 os negros representaram 76% das vítimas de homicídios. No mesmo ano, a taxa de homicídio de pessoas negras ficou em 29,2 (34.466); já a de não negros ficou em 11,2 (10.217 pessoas). A pesquisa também afirmou que em 2019, 3.737 mulheres foram assassinadas no Brasil, sendo 66% negras. Esses números indicam que as desigualdades raciais implementadas no país são resultantes das relações sociais, políticas, econômicas e culturais estabelecidas historicamente.

Apesar das desigualdades de gênero, raça e classe direcionadas à população negra estarem na realidade social do Brasil, ainda há a distorção de narrativa histórica retratadas nas

grandes mídias, tendo como exemplo, a telenovela *Nos tempos do Imperador*¹, que apresenta a relação *interracial* e o movimento abolicionista de forma fantasiosa e pacífica. Dentro desse contexto, a mudança na apresentação dos fatos sobre o período escravocrata e suas consequências, sentenciam o povo negro ao silenciamento histórico e os impedem de ter acesso e conhecimento à sua própria história, restando assim, apenas a luta e a resistência como solução para uma sociedade racista.

É compreensível a importância do movimento feminista negro na busca pelos direitos das mulheres e, também, por uma sociedade mais justa e igualitária no que diz respeito à gênero, raça e classe. Logo, ao fazer uma análise sobre a importância do movimento na vida e trajetória das mulheres negras, notamos a presença do patriarcado a partir do lugar-comum que nos é destinado e na inserção da presença feminina em ambientes que a figura masculina é tida, constantemente, como superior. Posto isso, o feminismo vem proporcionando para as mulheres negras o ato de repensar, lutar e buscar sobre os seus direitos e reivindicações.

2.3 A literatura negra e sua representatividade

Durante muito tempo, a escrita esteve – e ainda, talvez, continue – relacionada ao poder, sendo usada como forma de dominação e exclusão de algumas vozes por meio do sistema patriarcal baseado no machismo, racismo e sexismo. Como já mencionado, o discurso machista e hegemônico não foi/é capaz de silenciar as vozes femininas que, insatisfeitas com a posição destinadas a elas, não aceitaram o rótulo de serem “o segundo sexo”. O universo da escrita feminina foi marcado por uma trajetória dolorosa, principalmente, porque a escrita e o saber eram utilizados como ferramentas de dominação e, designadas, exclusivamente, para o espaço masculino.

Foram negadas às mulheres a autonomia necessária para a execução do pensar e a formação das narrativas, sendo consequência do controle da palavra e da escrita. A história das mulheres simboliza a história do silêncio, onde a luta e a busca pelos direitos à escrita são incessantes. Percebemos que, o patriarcado e a figura do homem se instalaram como “dominante” em diversas esferas sociais, determinando a forma de pensar e agir. O sistema patriarcal realizou a função de construir e reproduzir uma história endurecida e controladora

¹ *Nos Tempos do Imperador* é uma telenovela brasileira escrita por Thereza Falcão e Alessandro Marson, produzida pela TV Globo e exibida de 9 de agosto de 2021 a 4 de fevereiro de 2022.

do poder dominante na relação entre homens e mulheres, estabelecendo também, na literatura, o predomínio das escritas branca e masculina como cânone.

No bojo das discussões acerca da literatura feminina, é oportuno debater sobre a composição da literatura brasileira. A literatura negra, considerada “inadequada” para a arte literária, transporta composições que trazem elementos da memória ancestral, costumes e tradições africanas e afro-brasileiras, como também, apresentam, por meio da subjetividade, denúncias e problematizações sociais que procure e/ou afirme a identidade negra. A literatura afro-brasileira é composta por grandes autoras(es), enfatizando, Maria Firmina dos Reis; Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo, autora da obra a ser analisada nesta pesquisa.

É preciso trazer à tona, ainda mais, a importância da literatura negra para a sociedade, pois, a partir desses manuscritos, é possível evidenciar a vivência do povo negro em nosso país, erguendo a representatividade dos grupos subalternos. O silenciamento literário diante da escrita negra, é incontestável. Qual seria o problema em legitimar e reconhecer uma literatura afro-brasileira? É, a partir desse questionamento, que abordamos sobre o assolamento para com a literatura negra, exemplo disso, é o esquecimento desses escritos nas escolas, universidades etc. Como cita Evaristo (2009) acerca do debate sobre a validação da literatura negra:

Ninguém nega que o samba tem um forte componente negro, tanto na parte melódica como na dança, para se prender a um único exemplo. Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura, uma escrita afro-brasileira? A questão se localiza em pensar a interferência e o lugar dos afro-brasileiros na escrita literária brasileira? Seria o fazer literário algo reconhecível como sendo de pertença somente para determinados grupos ou sujeitos representativos desses grupos? (EVARISTO, 2009, p.17)

Ao reconhecer uma textualidade de escritores(as) negros(as), baseado na vivência e na busca pela compreensão do torna-se negro na sociedade brasileira, provoca questionar sobre as ferramentas de poder que envolvem as relações sociais, principalmente, as étnicorraciais estabelecidas pelo racismo e sexismo. Implica evidenciar uma história narrada, não somente pelos brancos, mas pela escrita de si. Como afirma a autora Conceição Evaristo sobre o termo *escrevivência*:

O termo tem como imagem fundante as africanas e suas descendentes escravizadas dentro de casa. Uma das funções delas era contar histórias para adormecer os meninos da casa-grande. A palavra das mães pretas e bás era domesticada, na medida em que tinham que usá-la para acalantar essas crianças. Hoje a escrevivência das mulheres negras não precisa mais disso. Nossas histórias e escritas se dão com o objetivo contrário: incomodar e acordar os da casa-grande. Não estamos aqui para ninar mais ninguém nem apaziguar as consciências. (EVARISTO, 2018, p.37)

Faz-se necessário (re)pensar sobre a contextura da literatura brasileira, pois existe um hábito de escrita sobre o negro, que representa os negros e suas negritudes pelo “olhar” de uma supremacia racial branca. Com efeito, o preconceito já está expresso na produção artístico-literária brasileira, fazendo com que, seja fundamental (re)produzir textos que afirmem as identidades negras brasileiras. Assim, compreende-se o cenário em que a literatura brasileira está presente, em que gênero, raça e classe determinam a discussão homogeneizada e repetida durante anos. A literatura negra age como um resgate das histórias dos povos afrodescendentes, sem a romantização do pensar/tornar/ser negro numa sociedade racista. De acordo com Bernd (1988):

Em síntese: a presença de uma articulação entre textos, determinada por um certo modo negro de ver e de sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma escritura negra vocacionada a proceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia. Logo, uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e de escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro. (BERND, 1988, p. 22)

No entanto, a literatura negra não se caracteriza, apenas, por evidenciar os discursos sobre a condição do negro e suas singularidades culturais, mas, acima de tudo, por representar o indivíduo do discurso. Há na literatura negra, a escrita de um eu/nós que se expressa, através das representações literárias e das simbologias, as posições e a condição do sujeito negro que colabora com a construção destas representações e com o desenlace do silenciamento de vozes negras literárias. Escritores(as) negros(as) não apenas utilizam a palavra poética para narrar o passado histórico, mas sim, para instigar a sociedade sobre as relações étnicorraciais e as vivências culturais homogeneizadas e estigmatizadas. Ela provoca a tradição literária a repensar sobre a cultura e identidade homogênea, como também, busca compreender sobre a diversidade na escrita e os discursos sobre o torna-se negro(a).

Apesar do debate em torno da literatura negra, ela marca uma contraposição válida à tradição literária, no que diz respeito à representação do negro e da literatura escrita por povos afrodescendentes. Constituindo uma concretização eficiente e intensiva, um discurso inovador que, na sua formulação, é o oposto de um discurso já estabelecido. Assim, aponta para outras formas de inserção das tradições literárias, buscando formas de identidade inventiva, livre de preconceitos e do racismo e aproximadas da autoafirmação e da conquista da autonomia.

Como já dito, a escrita está relacionada ao poder, escrever é um ato de resistência e de busca constante pelos direitos e reivindicações de um grupo. As mulheres, certamente, participaram/participam da produção histórico literária, mas em um lugar de invisibilidade, assim como em todas as esferas da sua vida social e produtiva. Diante disso, é possível notar que o espaço destinado a nós mulheres, mais uma vez, é o de silenciamento. O feito de agir através das palavras, de escrever e expor foi considerado rebeldia por aqueles que asseguravam o preconceito de gênero na sociedade. Assim, estremando a literatura feminina, para uma literatura feminina negra, descobrimos a duplicidade de preconceitos de gênero, raça e classe, como também, as indagações sobre a sua competência para com a escrita e a fala.

Certamente, a literatura negra não busca se sobressair aquela produzida por homens. Tampouco é possível compreender sua forma e estilo, já que a escrita afro-feminina é marcada pela subjetividade. As temáticas e representações que abrangem as personagens femininas e seus universos, são, pois, marcadores da escrita literária feminina, que tem como objetivo a autonomia política e cultural destas mulheres. Propõe-se com a literatura negra (re)produzir discursos que possam idealizar adversidades provenientes das práticas racistas e sexistas, como também, a partir do tom poético, (re)criar identidades, dores, histórias, resistências e ancestralidades. Com esse propósito, escritoras negras buscam romper o silenciamento e a invisibilidade que, historicamente, estão sujeitadas a essas vozes subalternas. De acordo com Alves (2011):

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe (...) essa escrita tira o véu, descobre-se e toca, mediante as palavras, o próprio corpo sem escamotear os conflitos de raça e cor, tira as máscaras das relações de gênero e raça da sociedade onde está inserida. Muito mais que isso, traz à tona a voz, o rosto (re)interpretados em emoções próprias para registrar e se autorrepresentar no território da Literatura. (ALVES, 2011, p. 185 e 186)

A literatura feminina africana, atravessa um processo histórico semelhante à integração da literatura negra que, não só se destaca pelo tom de protesto e denúncia, mas, acima de tudo, por reescrever, cantar e imaginar mundos, brincadeiras, sonhos, experiências pessoais e socioculturais para evocar memórias literárias do passado e reinventar novas palavras e obras de mulheres negras. Vozes negras atraentes e desenhos de personagens na literatura de autoras negras sempre foram projetados não por seus aspectos físicos, mas por sua força, coragem e determinação para conquistar a emancipação feminina negra individual e coletiva. Figuras femininas negras também aparecem em seus textos, ansiando por

autoafirmação, ou apenas por ter consciência de seus dramas, como racismo, solidão e sexismo, ou apenas por sonhar. Permanecer no mundo (no mundo deles) como senhores de si e de sua vontade. É o que diz a autora Miriam Alves sobre a literatura negra:

Os textos destas escritoras afrodescendentes revelam vários contornos de uma face-mulher ocultada, e a visibilidade dos rostos-vida é desenhada nas falas da existência. Ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade-mulher que não é mais o “outro” dos discursos. (ALVES, 2011, p.186)

Ao mesmo tempo, a literatura de mulheres africanas pode ser pensada como um processo contínuo de (re)inventar memórias, histórias e narrativas sobre identidade negra, mulheres e feminismo. Reside nela uma "regressão" dinâmica do passado, recontando memórias redefinidas, combinando histórias passadas e presentes, sonhos, experiências e cenas de resistência, cenários e agendas que vislumbram a geração de sonhos para o futuro. Assim, por meio da literatura, o discurso é pensado para ser a voz da literatura negra e feminina, desprivilegiada, forjada de uma escrita em que (re)inventam significados para si e para os outros, e cantam repertórios e acontecimentos histórico-culturais negros. A escrita surge, assim, como uma transgressão na qual se retiram possíveis significados estigmatizantes e se sugere outras possibilidades de leitura do significante, de se colocar como mulher, do que foi vivido e do que está por vir.

Como arte da palavra, a literatura afro-feminina valoriza a herança intelectual e cultural afro-brasileira de tradições, saberes e práticas ancestrais das populações negras e desconstrói a poesia e os discursos ficcionais que promovem sua opressão. De acordo com Conceição Evaristo, “(...) os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas. Torna-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida”. (EVARISTO, 2005, p. 206) Baseado nisso, escritores(as) negros(as) reivindicam sua integridade como seres humanos, quebrando o ciclo vicioso do racismo também enraizado nas convenções literárias.

Conhecer os fatos é o que nos permite entender a história e a vida dessas pessoas. Uma sociedade patriarcal só pode ser quebrada se o silêncio dos grupos subalternos for quebrado. Destacar essas obras literárias negras não é excluir outras, mas sim, abrir espaço para ouvir e compreender a luta de mulheres que enfrentam sem medo o preconceito de raça e gênero. Como menciona Alves (2011) a respeito da identidade literária:

Ao assumir esta identidade literária, as afro-brasileiras ultrapassam o cordão de isolamento, colocam o bloco na Avenida Brasil da literatura. Rompe-se, neste ato, com a parcialidade que é falar de literatura feminina (ou escrita por mulheres) sem levar em conta a amplitude

das vivências relatadas pelas afrodescendentes. Não se trata de mera divisão temática somente, mas de um chamado à revisão de conceitos, não só literários, mas de transformações da sociedade brasileira no cerne da mentalidade patriarcal subjacente, nascida claramente na instituição de um sistema escravocrata.” (ALVES, 2011, p. 187 e 188).

Dar voz, espaço e legitimidade para a escrita afro-feminina, pode nos dar, no futuro, uma sociedade mais justa e igualitária, aberta ao diálogo e ávida por aprender sobre os mais diversos temas. Uma sociedade que luta contra o fanatismo e respeita as vozes de cada sujeito, porque numa sociedade tão avançada nas suas mais diversas áreas, é insustentável a prática de focar na perseguição por motivos de gênero, raça ou classe. Assim, os sujeitos poéticos e os(as) autores(as) que compõem a literatura feminina africana estão dispostos a obter, por meio da palavra, o direito à voz. Esse exercício de poder pode ser entendido como um ato de resistência específico de uma relação de poder, pois, como afirma Foucault, “[...] para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente”. (FOUCAULT, 2002, p. 241) A resistência abre caminho para que os oprimidos, as minorias e todos os tipos de pessoas desfavorecidas contem suas histórias de outras perspectivas. Ela mostra que é hora de dar lugar a quem ainda não teve voz.

2.4 Conceição Evaristo: a voz dos oprimidos

As informações sobre a biografia de Conceição Evaristo que estarão contidas nesse texto, estão disponíveis no *Portal da literatura afro-brasileira – Literafro*. Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm angariando cada vez mais leitores. A escritora participa de publicações na

Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus contos vêm sendo estudados em universidades brasileiras e do exterior, tendo, inclusive, sido objeto da tese de doutorado de Maria Aparecida Andrade Salgueiro, publicada em livro em 2004, que faz um estudo comparativo da autora com a americana Alice Walker. Em 2003, publicou o romance Ponciá Vicêncio, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte.

Com uma narrativa não-linear marcada por seguidos cortes temporais, em que passado e presente se imbricam, Ponciá Vicêncio teve boa acolhida de crítica e de público. O livro foi incluído nas listas de diversos vestibulares de universidades brasileiras e vem sendo objeto de artigos e dissertações acadêmicas. Em 2006, Conceição Evaristo traz à luz seu segundo romance, Becos da memória, em que trata, com o mesmo realismo poético presente no livro anterior, do drama de uma comunidade favelada em processo de remoção. E, mais uma vez, o protagonismo da ação cabe à figura feminina símbolo de resistência à pobreza e à discriminação. Em 2007, sai nos Estados Unidos a tradução de Ponciá Vicêncio para o inglês, pela *Host Publications*. Vários lançamentos são realizados, seguidos de palestras da escritora em diversas universidades norte-americanas. Já sua poesia, até então restrita a antologias e à série *Cadernos Negros*, ganha maior visibilidade a partir da publicação, em 2008, do volume *Poemas de recordação e outros movimentos*, em que mantém sua linha de denúncia da condição social dos afrodescendentes, porém inscrita num tom de sensibilidade e ternura próprios de seu lirismo, que revela um minucioso trabalho com a linguagem poética.

Em 2011, Conceição Evaristo lançou o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, em que, mais uma vez, trabalha o universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo. Em 2013, a obra antes citada *Becos da memória* ganha nova edição, pela Editora Mulheres, de Florianópolis, e volta a ser inserida nos catálogos editoriais literários. No ano seguinte, a escritora publica *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria "Contos e Crônicas". Já em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*.

Nos últimos anos, três de seus livros, que continuam recebendo novas edições no Brasil, foram traduzidos para o Francês e publicados em Paris pela editora Anacaona. Em 2017, o Itaú Cultural de São Paulo realizou a Ocupação Conceição Evaristo contemplando aspectos da vida e da literatura da escritora. No contexto da exposição, foram produzidas as *Cartas Negras*, retomando um projeto de troca de correspondências entre escritoras negras iniciado nos anos noventa. Em 2018, a escritora recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra.

3 A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO COTIDIANO DE SUBALTERNIDADE: ANÁLISE DOS CONTOS *MARIA E QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?*

Este capítulo busca analisar, com base na obra literária *Olhos d'água* (2016) de autoria de Conceição Evaristo, em particular nos contos *Maria* e *Quantos filhos Natalina teve?*, como os aspectos de gênero, raça e classe influenciam na condição da mulher negra na sociedade. Assim, buscando evidenciar os estigmas que influenciam no cotidiano da população feminina negra, como também, refletir sobre as práticas de preconceito que surgem devido ao estabelecimento de noções advindas do racismo e sexismo. Trataremos ainda sobre a trajetória de vida constituída a partir do “lugar-comum” destinado às personagens negras, fazendo com que, estas sofram com a violência, a objetificação e a sexualização feminina.

3.1 A condição da mulher negra: análise das personagens Maria e Natalina

A obra *Olhos d'água* (2016) da autora Conceição Evaristo traz, em sua tessitura, acontecimentos do cotidiano de mulheres negras que evidenciam e possibilitam debates sobre as condições vivenciadas pelos grupos subalternos. É costumeiro a autora utilizar as personagens, as suas memórias e vivências para retratar as dificuldades e incertezas que fazem parte da trajetória do povo afrodescendente, ratificando nas entrelinhas de cada conto que escrever a obra é escrever a sua história e a dos seus. Ao elaborar um enredo baseado na vivência do povo negro, elabora-se também um(a) personagem que, indiscutivelmente, atribui-se às características e vivências daquela história. No que diz respeito a pensar no enredo e na personagem, Candido cita:

É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino — traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. (CANDIDO, 2007, p. 53)

O enredo, as personagens e sua ideia são o que tornam os contos de Conceição Evaristo dignos do afeto intelectual do leitor, a construção da identificação entre o destino das personagens e o leitor, faz com que, personagens e enredo se tornem vivos. Como cita Candido (2007) “... personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor.” (CANDIDO, 2007, p. 54) Desse modo, as personagens Maria e Natalina, tendo suas

trajetórias de vida e destino como foco principal dos contos literários, possibilitam debates, questionamentos e, também, reconhecimento sobre a realidade da condição de vida das mulheres, especificamente da mulher negra.

No primeiro capítulo desse trabalho, tratamos sobre a intersecção de gênero, raça e classe, sobre como a mulher negra foi/é vista diante das lutas feministas, como também, abordamos a trajetória do feminismo negro e como o racismo e sexismo influenciam na condição de vida e no destino destas mulheres. Abordamos também sobre a invisibilidade direcionada às mulheres negras e como o racismo e o sexismo sentenciam a mulher negra à violência (física, psicológica e sexual) e a objetificação feminina.

Iniciaremos com a análise literária do conto *Maria*, a partir da construção da personagem no âmbito literário, tendo como foco principal, as relações entre o fictício e o real. É importante enfatizar as afinidades e diferenças que se constituem entre o ser vivo e o personagem no “caminhar” da análise literária, pois estas são os fatores principais da verossimilhança. Como afirma Candido:

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2007, p. 55)

No primeiro momento que a personagem aparece na obra, percebemos que tudo está acontecendo no exato momento, acompanhamos o desenrolar da história em tempo real. Vejamos:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Serás que os meninos iriam gostar de melão? A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faça a laser corta até a vida! (EVARISTO, 2016, p. 24)

A partir desse trecho, entendemos que se trata de uma personagem que se encarregava do papel de cuidadora do lar de uma família de classe média alta, profissão destinadas às

mulheres negras desde o período da escravidão, como afirma Arruda (2019), “A mulher negra, elemento que expressa mais radicalmente a cristalização dessa estrutura de dominação, vem ocupando os mesmos espaços e papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão.” (ARRUDA; HOLANDA. 2019. p. 286). Diante dos trechos da narrativa citada, nota-se que existe uma semelhança entre ficção e realidade, sendo assim, Maria (personagem protagonista do conto) representa a classe de mulheres negras que realizam a tarefa de servidora do lar.

A profissão de empregada doméstica ainda é marcada pela exploração, visto que, as condições para a realização da tarefa ainda tornam comum manter mulheres pobres a serviço de extensas horas de trabalho por um salário baixo. Todas as características citadas no trecho representam o abismo social que compõem a relação entre Maria, mulher negra e empregada doméstica, e sua patroa, provavelmente pertencente a uma família branca de classe média alta. No Brasil, as famílias de classes populares são destinadas a empregos de serventia, fator consequente da estrutura social capitalista, em que na hierarquia social há de um lado o senhor, que concentra o poder aquisitivo e do outro os empregados, que fornecem a força de trabalho. No que concerne sobre a construção social hierárquica brasileira Arruda afirma:

Numa sociedade como a brasileira, em que a dinâmica do sistema econômico estabelece espaços na hierarquia de classes, existem alguns mecanismos para selecionar as pessoas que irão preenchê-los. O critério racial constitui-se em um desses mecanismos de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, resultado de patente discriminação. (ARRUDA; HOLANDA. 2019. p. 285)

É considerável notar sobre a posição estática da personagem, “Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar.” (EVARISTO, 2016, p. 24), fazendo depreender sobre como é o cotidiano da personagem e como o esgotamento reflete também no seu eu poético. Cansada de esperar o ônibus? Cansada de esperar por oportunidades dignas? Cansada de esperar por justiça social? São inúmeros os fatores que podem designar o cansaço da personagem, essa exaustão não é apenas de longas horas de trabalho, ele expressa o cansaço de uma vida inteira.

Desse modo, a personagem Maria é apresentada socialmente em paradigmas de submissão por sua raça, gênero e classe. A voz da narradora consolida durante todo o percurso da narrativa, em que a personagem aparece, como uma mulher suburbana, solteira e empregada doméstica. Observando para nossa realidade, essa condição é dada, quase sempre, para as mulheres negras, como uma espécie de “herança escravocrata”, como explica Arruda:

Dessa maneira, a “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, grosso modo, não mudou muito. As

sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos nas áreas urbanas, em menor grau na indústria de transformação, e que permaneça como trabalhadora nos espaços rurais. Podemos acrescentar, no entanto, ao exposto anteriormente que a estas sobrevivências ou resíduos do escravagismo se superpõem os mecanismos atuais de manutenção de privilégios por parte do grupo dominante. Mecanismos que são essencialmente ideológicos e que, ao se debruçarem sobre as condições objetivas da sociedade, têm efeitos discriminatórios. Se a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial, é tanto devido ao fato de ser uma mulher de raça negra como por seus antepassados terem sido escravos. (ARRUDA; HOLANDA. 2019. p. 286)

Essa racionalização ideológica do lugar do negro na sociedade é acompanhada pela naturalização das piores condições materiais de uma vida completamente precária, associada a várias formas de violência e humilhação. Em vida, essas mulheres não apenas suportaram as pesadas correntes de um sistema opressor e racista, mas também as características mais duras da opressão patriarcal em suas formas mais pervertidas de punição corporal, tortura, mutilação, humilhação e violência. O trabalho doméstico e todos os símbolos racistas que caracterizam a vida de uma mulher negra em uma condição de serventia são, talvez, alguns dos símbolos mais poderosos da herança escravista no Brasil.

Seguindo adiante com a narrativa, Maria, ao ir embora do trabalho, embarca em um ônibus, que é assaltado pelo seu ex-marido, pai do seu filho. Vejamos um trecho no qual percebemos a relação amorosa entre os personagens:

Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoo. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. (EVARISTO, 2016, p. 24)

Entendendo a situação da personagem Maria, mãe solteira e empregada doméstica, percebemos como o encontro com seu ex-companheiro transporta a personagem principal para uma conjectura imaginativa, levando-a devanear sobre um futuro diferente. Seguindo com a narrativa, há um assalto no transporte, realizado pelo ex-marido de Maria e seus companheiros. Diante disso, os demais passageiros, ao notarem que ela foi a única pessoa a não ser assaltada, ficam indignados e passam a ofendê-la com xingamentos e ameaças e, por fim, com agressões físicas que causam a sua morte. Vejamos no fragmento a seguir:

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. (EVARISTO, 2016, p. 25)

Trata-se de um episódio sobre a violência sofrida por uma mulher que enfrenta uma sociedade onde a prática do preconceito racial remonta à colonização e a educação baseadas no modelo patriarcal. A história destaca o preconceito e a discriminação existentes contra pessoas de classes sociais menos privilegiadas, resultando na violência sofrida pela personagem principal.

Em outros termos, representa o desprezo e a exclusão de gênero e raça, retratados no seguinte discurso de ódio: “Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.*” (EVARISTO, 2015, p. 25) O enredo revela a violência clara e desnecessária sofrida pela personagem protagonista. Ela foi desrespeitada e violentada até a morte, apenas por conhecer o homem que cometeu o roubo no ônibus, veículo usado para voltar para casa cotidianamente depois do trabalho.

O machismo, que inicia diversos atos de violência contra a mulher e se volta contra a personagem Maria, pode ser claramente percebido no seguinte fragmento: “A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria.” (EVARISTO, 2015, p. 25) Cabe ressaltar que um grande percentual de mulheres vivencia algum tipo de violência em suas vidas.

Com base no exposto, também é importante considerar as diversas formas de violência contra a mulher em nossa sociedade, sobre as quais fala Conceição Evaristo na obra citada. Pensando na violência sofrida pela protagonista na trama, podemos examinar diversos fatores que desencadeiam suas agressões e que representam os ataques vivenciados pelas mulheres no cotidiano. Em outras palavras, os fatos narrativos são semelhantes às situações de muitas “Marias” em nosso país.

No texto de Conceição Evaristo, embora fictício, a história faz o leitor entender que a personagem é retratada de forma realista e que os seguintes fatos são reais: “*Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos.” (EVARISTO, 2015, p. 25). Durante as agressões, são bem visíveis as práticas racistas e discriminatórias daqueles que agrediram a protagonista. Será que os passageiros, que atacaram Maria, teriam o mesmo comportamento em relação à mulher branca? Essa pergunta é fácil de responder se considerar

o contexto histórico da nossa sociedade e de todas as histórias de violência contra pessoas negras no país. Portanto, uma pessoa negra não sabe o que esperar do futuro, quando é culpada desde o momento em que nasceu. Observemos no trecho abaixo:

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (EVARISTO, 2016, p. 26)

A análise aqui desenvolvida do conto *Maria*, de Conceição Evaristo, revela a condição de uma mulher negra e pobre em uma sociedade que a violenta de várias maneiras. A primeira violência destacada, é o fato de a personagem principal trabalhar como empregada doméstica e não receber o que lhe é devido, conformar-se com o equivalente à escravidão, estar no limite da legalidade e não gozar dos seus direitos. A segunda trata-se do abandono por parte dos seus ex-companheiros, tornando-se mãe solteira e tendo que criar seus filhos sozinha e em condições inadequadas por falta de dinheiro. Por fim, a terceira violência ocorre quando Maria foi condenada sem defesa por reconhecer seu ex-marido no assalto ao ônibus, foi tratada como criminosa, insultada com palavras machistas e racistas e violentada até a morte, deixando seus filhos condenados ao abandono.

Iniciamos, agora, a análise do conto *Quantos filhos Natalina teve?*, onde temos como centro das discussões a personagem e seu percurso. A história de vida de Natalina, assim como de Maria, reflete sobre os estigmas sociais em torno da mulher negra. Conceição Evaristo, mais uma vez, apresenta como as construções culturais de gênero na sociedade brasileira contemporânea são filtradas pelas vozes de mulheres negras, cruzando questões históricas fundamentais nos espaços públicos e familiares. A autora transforma o corpo e a sexualidade em um espaço discursivo ao explorar o tema da maternidade e relacioná-lo à violência contra mulher e à idealização romântica da maternidade.

Como já dito, Conceição Evaristo transforma o corpo e a sexualidade da protagonista em um espaço discursivo ao explorar sua relação com a maternidade, relacionando-a à violência, por um lado, e à idealização da maternidade, por outro. Do ponto de vista feminista, o conto *Quantos filhos Natalina teve?*, estabelece uma fundamentação concreta por meio da relação entre linguagem e poder, observada através da pressão psicológica exercida pela mãe de Natalina, quando ela, ainda menina, engravida pela primeira vez. Reparemos no fragmento a seguir:

A mãe desesperada perguntou se ela queria o filho e se Bilico queria também. Ela não sabia responder por ele. Sabia, porém, que ela, Natalina, não queria. Que a mãe a perdoasse, não batesse nela, não contasse nada para o pai. Que fizesse segredo até para o Bilico. Ela estava com ódio e vergonha. Bilico nunca mais brincaria com ela. Ele não ia querer uma menina que estivesse esperando um filho. Que a mãe ficasse calada. Ela ia dar um jeito naquilo. Natalina sabia de certos chás. Várias vezes vira a mãe beber. Sabia também que às vezes os chás resolviam, outras vezes, não. (EVARISTO, 2016, p. 27)

Após a tentativa de aborto, Natalina foge de casa, porque sua mãe planeja levá-la para Sá Praxedes, uma velha parteira e aborteira do morro onde moram. Medo, raiva e vergonha são as emoções que a acompanham com o desejo de se livrar do filho, “... aquele *troço*, aquela *coisa* mexendo dentro dela.” (EVARISTO, 2016, p. 27). A personagem se refere ao neném (feto) como “troço” e “coisa”, indicando que, os sintomas de violência, evidenciados por escolhas de palavras, estão presentes nas favelas brasileiras desde o início da vida. Natalina pertence a uma família, embora pobre, estruturada tradicionalmente: mãe (empregada doméstica), pai e sete irmãos. A construção familiar estabelecida e a posição que cada membro assume, são o cenário das circunstâncias enfrentadas pela população negra no país. Neste sentido, embora Natalina viva em um núcleo familiar completo, ela não hesita em deixá-lo, principalmente, por medo da velha que “come crianças”. Notemos no trecho abaixo:

Natalina esperou. No outro dia, quando a mãe saiu cedo para a cozinha da madame, ela saiu logo atrás para lugar algum. Não sabia para onde ia. Ao descer o morro, em um dos becos passou em frente ao barraco de Bilico. Era ali que os dois brincavam prazerosos, sempre. Passou rápido, pisando levemente com medo de ser vista. Tinha de fugir de Sá Praxedes. Ganhou a avenida, ganhou outras ruas. Escondeu-se o mais longe possível de casa. Ganhou outros amigos também. Um dia, junto com outra menina-mulher que também esperava um filho, tomou um trem para mais longe ainda. E respirou aliviada. Sá Praxedes não a pegaria nunca. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 28)

Assim, a protagonista foi muito corajosa, destemida, com pouca idade, grávida, saiu sem destino, mesmo que não querendo o filho, mas não deixou de ser uma forma de salvá-lo. Ela não o queria, mas também não teve coragem de matá-lo e isso fica claro quando ela dá o bebê para uma pessoa que ela entende que “precisa” dele e que cuidará bem.

Diante das circunstâncias, a “menina-mãe” dá seu primeiro filho para uma enfermeira, “Uma enfermeira quis o menino. A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital! E era como se ela tivesse ganho uma boneca que não desejasse e cedesse o brinquedo para alguém que quisesse.” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 28). A ficção novamente nos arrasta para a realidade, o fato da personagem ceder seu filho se assemelha a inúmeros casos reais, em que as mães,

vítimas das circunstâncias socioeconômicas, doam seus filhos. Natalina compreende sua atitude, mas, antes de tudo, entende a sua vida. Doar seu filho era permitir que ele tivesse uma segunda chance.

Na segunda gravidez, a protagonista cita “... foi também sem querer, mas ela já estava mais esperta. Mesmo assim, um dia uma semente teimosa vingou.” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 28). Natalina, dessa vez, rejeita o pedido do seu atual parceiro (Tonho), que, sozinho, leva a criança para sua terra natal, longe dali, porque Natalina “Não queria família alguma. Não queria filho.” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 29). Tonho nunca compreendeu a recusa dela “... diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho...” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 29) A personagem contraria as expectativas dos homens e da sociedade. Diante disso, podemos perceber como o patriarcado influencia na representação da identidade feminina, estabelecendo um “modelo ideal” de mulher. Natalina não se encaixa nesse paradigma, ela quer “seu filho”, a personagem é uma figura feminina que se desprende dos padrões sociais e estabelece o desenlaçar do seu destino.

A ênfase da intersecção entre gênero, raça e classe concretiza-se no corpo, ou a partir dele, caracterizando um modo de existir. Baseado nisso, gênero e raça configuram diferenças, sejam elas culturais, sociais e/ou biológicas que sustentam e constroem o poder. O corpo é apresentado, em particular, como um mecanismo social que estabelece, especificamente, as relações de poder. Historicamente, no período colonial, a mulher negra apresenta-se como escrava. No momento em que, legalmente, deixou de ser escravizada, tornou-se um símbolo sexual, apesar de que, em sua condição submissa, também era usada sexualmente pelos seus senhores. Pertencia à mulher negra a função de satisfazer os desejos sexuais do homem branco, mas não cabia a ela o papel de esposa, não se adequava para ser dada em casamento, mesmo que, o matrimônio denotasse um valor social e religioso.

Retomando o conto literário, na sua terceira gravidez, em que Natalina é contratada por um casal para ter um filho com seu patrão, devido à infertilidade da sua patroa, ela também não atinge o objetivo de ter “um filho só seu”. Assim, acontece a exploração do corpo da personagem como objeto de reprodução, uma “máquina”. “Um dia a criança nasceu fraca e bela. Sobreviveu.” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 30). No que se refere à condição reprodutiva das mulheres negras, Arruda afirma:

Contrariamente à mulher branca, sua correspondente no outro polo, a mulher negra é considerada uma mulher essencialmente produtora, papel semelhante ao do homem negro, isto é, desempenha um papel ativo. Antes de mais nada, como escrava, ela é uma trabalhadora, não apenas nos afazeres da casa-grande (atividade que não se limita a satisfazer as vontades de senhores, senhoras e seus filhos, mas como

produtora de alimentos para a escravaria), como também no campo, desempenhando atividades subsidiárias do corte e do engenho. (ARRUDA; HOLANDA. 2019. p. 284)

A condição biológica de mulheres brancas e negras, especificamente relacionada à sua condição reprodutiva, não determina e não é suficiente para estabelecer uma dada igualdade, pois esta condição, tanto é apoio de incalculáveis aspectos sociais, como também, é resultado desses aspectos. Desse modo, alegar igualdade, com base na questão biológica de uma mesma condição feminina, é neutralizar as diferenças estabelecidas historicamente. Colocando sob foco, mais uma vez, as mulheres negras estão em última posição na escala social, interferindo, direta ou indiretamente, na autoridade de negociação sexual. A existência dessa concepção nos faz compreender que o racismo perpassa a saúde reprodutiva e a sexualidade das mulheres negras brasileiras.

Seguindo com o conto, apenas a sua quarta gravidez “não lhe deixava em dívida com pessoa alguma”. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 30) Na primeira, deve ao namorado Bilico as descobertas dos prazeres do sexo; na segunda sente-se em dívida com a “inteireza de Tonho” e, na terceira, se condeou “... de uma mulher que almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança. Doou sua fertilidade para que a outra pudesse inventar uma criação, e se tornou depositária de um filho alheio.” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 30)

Não, dessa vez ela não devia nada a ninguém. Se aquela barriga tinha um preço, ela também tinha tido o seu, e tudo tinha sido feito com uma moeda bem valiosa. Agora teria um filho que seria só seu, sem ameaça de pai, de mãe, de Sá Praxedes, de companheiro algum ou de patrões. E haveria de ensinar para ele que a vida é viver e é morrer. É gerar e é matar. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 30)

Nesses fragmentos literários, Conceição Evaristo, utiliza uma linguagem lírica de cores, enfatizando o contraste chocante com a cena da quarta gravidez de Natalina. Conceição manuseia, atentamente, as palavras no recorte de cenas, fazendo com que, o(a) leitor(a) sinta o “soco no estômago” no clímax do conto. A autora utiliza, nos fragmentos finais do texto, uma técnica de *flashback*, onde a personagem rememora a cena sobre a gravidez. Atentemos:

O filho de Natalina continuava bulindo na barriga da mãe como se estivesse acompanhando também a busca que ela fazia na memória. Queria relembrar o caminho percorrido pelo carro. Um caminho que, por mais que se esforçasse, não conseguiria retomar e reconhecer nunca. Um trajeto que não pôde ver, pois tinha os olhos vendados pelos homens que chegaram de repente no seu barraco e a dominaram com força, perguntando-lhe pelo seu irmão. Ela não sabia o que responder. Não tinha irmão algum. Saíra de casa anos atrás, deixara a mãe, o pai e as seis irmãs. Os homens insistiam. Berravam dizendo que era pior e que não adiantava nada ela não dizer a verdade. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 30/31)

Percebemos que a gravidez da personagem é resultado de um estupro e de um assassinato, ações violentas extremas. Observaremos nos seguintes trechos:

De vez em quando, o que estava sentado no banco de trás com ela, fazia-lhe um carinho nas pernas. Ela arrepiava de pavor. As mãos estavam amarradas e doíam. Em um dado momento, o carro parou e o que estava ao seu lado desceu. Despediu-se dela passando novamente a mão em suas pernas. Bateu nas costas do que estava no volante e desejou-lhe bom proveito. O outro continuou calado. O carro seguiu em frente. Ela calculou que deveriam ser umas três horas da madrugada, eles haviam chegado em seu barraco por volta da meia-noite. Estava fazendo muito frio. Natalina percebeu então que a marcha do carro diminuía e que estavam saindo da estrada e entrando no mato. Escutava o estalar de ramos secos. O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebentar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela. Depois tombou sonolento ao lado. Foi quando, ao consertar o corpo para se afastar dele, ela esbarrou em algo no chão. Pressentiu era a arma dele. O movimento foi rápido. O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também. Fugiu. Guardou tudo só pra ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobria grávida. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 31)

Diante disso, depreendemos que o estupro continua sendo um crime envolto em um ar de sigilo, talvez porque, do ponto de vista da vítima, envolve sentimentos como vergonha, medo, culpa e dor. “Fugiu. Guardou tudo só pra ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada.” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 31) Foi assim que Natalina, assim como muitas mulheres vítimas de violência sexual, se sentiu após ser estuprada. Entretanto, a personagem não demonstra ressentimentos por ter feito justiça com as próprias mãos. Essa cena, juntamente, com a violência da mãe contra Natalina, obrigando-a a abortar e, também, com a agressividade de Natalina contra os filhos das primeiras gestações, nos leva a uma discussão sobre a maternidade.

Assim, existe uma naturalização das etapas da realização de “ser mulher” na sociedade, para elas, seu ciclo consiste em nascer, crescer, casar e ter filhos, netos etc. Diante disso, surge o debate sobre a romantização e os impactos da maternidade no cotidiano feminino, essa discussão parte da observação das diferenças entre as mulheres e seus desejos. Para a mulher, existe uma relação inseparável entre a maternidade e a morte; porque a maternidade está ligada ao céu e ao inferno; à fala e ao silêncio, quando é vista no mesmo

paradigma da sexualidade. Quanto a violência contra mulher, ela é simplesmente descrita, mas não contestada, por se tratar de um “fruto” do sistema patriarcal.

Entretanto, Natalina, conscientemente, liberta-se das artimanhas fantasiosas e das concepções culturais dominantes, transcendendo não apenas os limites da passividade e da dependência feminina, mas também da aceitação de papéis dóceis. Seu corpo não é maleável, nem sujeito a ordens externas. A personagem não contém sua sexualidade e rompe com o discurso social, que torna indissociável a imagem da “mulher real” com a de mãe. Um dos aspectos mais marcantes desse conto é que, Conceição Evaristo não coloca a protagonista como vítima, apesar das adversidades enfrentadas por ela, evitando assim, o machismo e o sexismo. A narrativa da autora, traz em suas entrelinhas, fantasias e expectativas sobre a maternidade e a sexualidade, abordando os sentimentos reais contidos na relação da mãe com o materno, como também, com a criança.

No conto, a maternidade mantém uma relação com a dor e a morte, em que, na condição imposta para a personagem, mulher, negra e pobre, uma mãe-vítima gera uma criança-vítima. Contudo, como já dito, Natalina não assume o papel de vítima da sociedade, em vez disso, a protagonista apropria-se do seu destino. Na narrativa, portanto, Natalina inicialmente demonstra uma natureza passiva: ao sinal da violência de sua mãe contra ela, ela não reage; simplesmente foge de casa. Durante as gestações, ela se sente devedora, mas nunca uma vítima. Quando, finalmente, Natalina torna-se vítima de um estupro, ela reverte toda a situação e as circunstâncias atribuídas a ela, e liberta-se. Sua passividade não aumenta, quando ela se defende do estuprador. Nesse espaço e ação discursiva, entrelaçam-se significados que, paradoxalmente, contradizem o começo e o fim, pois “Brevemente iria parir um filho. Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte.” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 31)

Natalina rompe com as expectativas da sociedade no que diz respeito à uma imagem idealista e grotesca de uma mãe ideal. A relação mãe-filho é caracterizada pelo medo do elo eterno com os homens, para apenas na quarta gravidez, a protagonista vê o amor retribuído, podendo ser descrito como o amor incondicional materno. “Estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma.” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 31) A felicidade de agora sim ter um filho que não lhe prendia a relação com outra pessoa. Esse filho era sua liberdade. Só dela. Sem necessidade da presença de mais ninguém. Esse filho é a consequência de um ato que, não é apenas criminoso, mas essencialmente odioso, a violação

exigiu uma resposta – o assassinato do seu estuprador – que funcionou, retoricamente, como um grito de liberdade. Diante disso, precisamos imaginar um mundo em que a mulher seja dona de si, do seu próprio corpo e do seu destino. Para isso, a maternidade e a sexualidade devem ser libertadas da opressão patriarcal e, neste novo mundo, as mulheres poderão mudar a existência humana, bem como engendrar uma nova vida.

Conceição Evaristo abraça o seu espaço feminino e negro, ou seja, utiliza um lugar sociocultural para manifestar a escrita de uma mulher negra. Segundo a própria autora, a escrevivência corresponde a uma inovação literária, que assume a forma de uma visão pós-colonial e resiste à dominação. (EVARISTO, 2005) Como parte da cultura, a literatura afro-brasileira é um lugar onde os discursos hegemônicos são resistidos, portanto, aparece como um contradiscurso.

A partir dessa observação, é importante ressaltar e reconhecer que a violência e o preconceito racial transcendem os limites da ficção, revelando a realidade, mostrando o quanto a sociedade brasileira passa por falhas na sua justiça, fazendo vítimas inocentes e afetando a todos. Diante do exposto, vale, por fim, ressaltar a importância da literatura afro-brasileira para a conscientização da sociedade sobre a aceitação e o respeito às origens do povo brasileiro e a fundamentação da nossa sociedade.

3.2 A subalternidade: o cotidiano feminino negro como denúncia social

Inicialmente, neste tópico, nos é apropriado compreender sobre subalternidade, bem como, quais as significações tratadas nesse termo. A autora Spivak, em seu texto, “*Pode o subalterno falar?*”, traduzido por Sandra Regina Goulart Almeida e outros autores, nos permite entender um pouco sobre subalternidade. Assim, no que se refere ao termo subalterno, Spivak cita que são “as camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. (SPIVAK, 2010, p. 7) Nessa perspectiva, a autora também aborda sobre o perigo de os intelectuais falarem do outro para produzir um discurso secundário sobre o subalterno, mas mantendo-o silenciado e sem espaço para que suas vozes sejam ouvidas.

Dessa forma, seguindo em nossa perspectiva sobre as mulheres negras, reconhecemos que em nossa atualidade há uma busca para silenciar aquelas pessoas que, por vezes, se apresentam em posições submissas perante a sociedade. A obra analisada neste trabalho,

escrita por uma mulher oriunda de espaços marginalizados, nos permite compreender sobre o cotidiano feminino negro a partir das memórias de quem os vivencia, considerando também a compreensão sobre a condição da mulher negra na sociedade.

O cotidiano desenvolvido numa obra literária, diz muito sobre o cenário e a estrutura de toda a história. A vivência das personagens dessa obra nos permite compreender o contexto social e econômico em que a narrativa se desenvolve, o que é, portanto, necessário para entender as ações e os movimentos presentes nos contos. Compreender o cotidiano literário apresentado na obra nos permite considerar as ações, movimentos e vivências dos personagens ou narradores do texto.

Nos contos, *Maria e Quantos filhos Natalina teve?*, o cotidiano em destaque, de ambas as personagens, é inerente às condições de vida impostas para a população negra. A autora narra as vivências e as especificidades de sobreviver as circunstâncias determinadas para Maria e Natalina, residir na favela e trabalhar como empregada doméstica. Como já dito nesse trabalho, a literatura se torna uma representação da sociedade e de tudo que está acontecendo entre nós. Assim, os contos literários, embora ofereça conteúdo ficcional, nos faz perceber como as experiências nele retratadas se tornam reais e contemporâneas. Posto isso, o esquecimento desta população perante as autoridades, a violência, a dor e a morte atravessam as histórias.

Nosso trabalho tem como base a condição da mulher negra na sociedade, analisando os preconceitos de gênero, raça e classe. Então, é notável o quanto a apresentação de si como mulher, negra e pobre se constitui como fator dominante para padecer com esses estigmas. Assim, o cotidiano dos grupos subalternos é marcado por dificuldades, sobreviver para eles é resistir. Em seus escritos, a autora elenca os acontecimentos que ali se alastraram, como a violência, a falta de oportunidades, a morte e tantos outros fatores. Em muitos trechos dos contos, esses fatores são expostos através do cotidiano das personagens. Observemos no trecho a seguir:

A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida! Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. (EVARISTO, 2016, p. 24)

Em muitos momentos da narrativa, podemos sentir a opressão que essas pessoas vivenciam a partir do cotidiano nas favelas. Essa rotina não é responsável apenas por delimitar o cenário e a trajetória das mulheres negras, mas também por canalizar as dores,

sofrimentos, angústias e, igualmente, algumas alegrias, já que, com todos os seus problemas, é evidente a presença da resistência. Vivemos em um país onde o racismo existe, onde as pessoas negras são menosprezadas e associadas ao grau de incompetência e irresponsabilidade. Como afirma Gonzales (2019) sobre os estereótipos para com a população negra:

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e, se é malandro, é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto, têm mais é que ser favelados. (GONZALEZ, 2019, p. 264)

As personagens Maria e Natalina, analisadas no tópico anterior, são apresentadas como mulheres que assumem a função de empregada doméstica. No desenlaçar das narrativas, o corpo e a sexualidade dessas mulheres são expostos e violados. Compreender o cotidiano e o espaço dos contos é entender a vida das protagonistas, as possibilidades no gueto são brutais para as mulheres negras. No que se refere à realidade da mulher negra, Gonzalez (2020) afirma:

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. (...) Antes de ir para o trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas dos filhos mais velhos com os cuidados dos mais novos (as meninas, de um modo geral, encarregam-se da casa e do cuidado dos irmãos mais novos). (...) Quando não trabalha como doméstica, vamos encontrá-la também atuando na prestação de serviços de baixa remuneração (“refúgios”) nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob a denominação genérica de “servente” (que se atente para as significações a que tal significante nos remete). (GONZALEZ, 2020, p. 50/51)

Como vimos, são expostas nos contos diferentes tensões, referente a relações de poder alteradas, a violência física, a violação do corpo, da sexualidade e da vida. As personagens suplantaram várias imposições, proibições, assim como, excederam o domínio patriarcal, estabilizado em diferentes níveis. Por sua vez, Maria e Natalina necessitaram aprender a ressignificar, entre a dor e a violência, a vontade de resistir mediante as adversidades. Assim, as narrativas retrataram a condição de vulnerabilidade em que as mulheres, principalmente as mulheres negras, estão expostas desde a infância.

Por fim, nos contos *Maria* e *Quantos filhos Natalina teve?*, a mulher negra representa a opressão social vivenciada por esses indivíduos historicamente hierarquizados, oprimidos sob uma sociedade colonialista, misógina e racista que silencia os grupos subalternos de inúmeras maneiras. Contudo, Conceição Evaristo, ao dar voz àqueles que são impedidos de exteriorizar sua vida, dores e angústias através da literatura negra, quebra o silêncio institucionalizado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista tudo que foi referido nesta pesquisa, concluímos a importância de expandir, a partir de obras literárias, os relatos sobre as vivências dos oprimidos na sociedade. Voltando nosso olhar para as mulheres negras, percebemos como elas sofrem, cotidianamente, com os estigmas arraigados historicamente. Assim, foi notável observarmos como os preconceitos de gênero, raça e classe permeiam sob a história dessas mulheres e, com isso, permanecem inquestionáveis para nós. Por vezes, trazer esse assunto à tona pode ser considerado cansativo, mas é perceptível a importância de debater sobre a trajetória dessas mulheres. As mulheres negras devem ter o direito de fazer suas vozes serem ouvidas e aceitas. Dessa forma, através da literatura conseguimos possibilitar, nesse trabalho, que essas vozes fossem ouvidas.

Conceição Evaristo nos permite compreender esses lugares de forma lúcida, pois a autora, enquanto mulher negra oriunda de espaços marginalizados, experienciou e vivenciou as desigualdades sociais e o silenciamento dos grupos subalternos. Promover a escrita negra socialmente, é retomar a história desses povos que, por vezes, são esquecidos ou têm sua trajetória de vida narrada por outro. Esse resgate nos aproxima da verdade e compreende as circunstâncias especiais que essas mulheres negras necessitam em uma sociedade que ainda se caracteriza como racista e sexista. Assim, à luz das reflexões feministas, concluímos nesse trabalho sobre a importância de um movimento feminista que considere os aspectos necessários que agreguem as especificidades dessas mulheres. Nosso compromisso é alcançar uma sociedade mais justa e igualitária que, em sua composição, respeite os direitos e, principalmente, a vida de todos os indivíduos.

Portanto, é indiscutível que, mesmo diante de tão grande progresso em nossa sociedade, continuamos a reproduzir os mesmos princípios desde o movimento colonial. Ao longo dos anos, a sociedade tem lutado para sair de todas as conjunturas moldadas por estruturas patriarcais e preconceituosas, mas, apesar disso, as mulheres negras continuam sendo vistas como uma fonte de subjugação e opressão. A ficção, apresentada e narrada por Conceição Evaristo, age, para nós, como um movimento real. Nesse sentido, a análise literária pode refletir sobre o comportamento social, permitindo-nos examinar as múltiplas formas de opressão que ainda existem em nossa sociedade.

O racismo e o sexismo, bem como, os preconceitos de gênero e classe direcionados para a população negra é evidente entre nós. A partir dos contos literários de Conceição

Evaristo e das análises das personagens Maria e Natalina, percebemos esse fato, como também, vemos como os fatores econômicos apresentam-se nos lugares marginalizados, enfatizando o preconceito de gênero, raça, classe e a violência, onde as condições de pobreza levam a exacerbar as vulnerabilidades sociais e suprimir suas oportunidades. Como mulher, ser negra e pobre é fator agravante do preconceito, em contextos que se manifestam de forma racista e sexista.

É inaceitável que práticas preconceituosas ainda sejam praticadas entre nós. Conceição Evaristo nos oferece a oportunidade de refletir sobre como o comportamento social cotidiano reflete na vivência daqueles que fazem parte de grupos subalternos. Portanto, como cidadãos, devemos nos unir para estabelecermos uma sociedade mais justa em termos de hierarquia social de gênero, raça e classe. Não podemos permitir que pessoas continuem sendo julgadas e submetidas às mais diversas formas de violência por pertencerem à essas dimensões.

Sendo assim, esperamos que esse trabalho abra novos caminhos para outras vozes e proporcione outros olhares direcionados às mulheres negras, para que possamos nos aproximar, a cada novo dia, de viver em uma sociedade livre do ódio. Que o olhar dos que governam também se volte para o cotidiano dos oprimidos e das várias formas de violência que eles sofrem. Ao comentar sobre essas problemáticas e debater sobre elas no âmbito acadêmico e social, estamos resistindo a todas as formas de submissão impostas pela hierarquização. A luta contra o racismo e o sexismo é responsabilidade de todos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no brasil – pensando a existência.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.
- Atlas da violência 2019.** Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- BEAUVOIR, Simone de. (1970 [1949]) **O Segundo Sexo.** 1. Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 4a edição; especialmente capítulos 1 (“Os dados da biologia”), 2 (“O ponto de vista psicanalítico”), 3 (“O ponto de vista do materialismo histórico”), pp. 24-80. (Edição original: *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard)
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra.** Editora Brasiliense, São Paulo-SP, 1988.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Pensamento feminista: conceitos fundamentais/ Audre Lorde...** [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento.** Estudos avançados, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.
- CONCEIÇÃO EVARISTO. **Literafro:** o portal da literatura Afro-Brasileira. 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em 08 de fevereiro de 2023.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista Estudos Feministas, vol.10, n.1, p.171-188. 2002.
- DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe.** [recurso eletrônico] / Angela Davis; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016
- EVARISTO, Conceição. **Esse lugar também é nosso.** [Entrevista cedida a] Ana Paula Acauan. Porto Alegre- RS, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo.** Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005, p. 202-211.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 17 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Grall, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político econômica. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos.** Rio Janeiro: Zahar, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos.** Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto** / Angela Arruda... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 400 p.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais** / organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). **Retrato das desigualdades: gênero e raça**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf> Acesso em 24 de março de 2023.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) 2021. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html> Acesso em 05 de fevereiro de 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOJOURNER TRUTH. Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, 1851. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth-traz-duro-discurso-contra-invisibilidade/> Acesso em 05 de fevereiro de 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakrvorty. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.